



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

ARPILLERA, O TECIDO PEDAGÓGICO DA RESISTÊNCIA FEMINISTA NO MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS

ARPILLERA, EL TEJIDO PEDAGÓGICO DE RESISTENCIA FEMINISTA
EN EL MOVIMIENTO DE AFECTADOS POR REPRESAS

ARPILLERA, THE PEDAGOGICAL FABRIC OF FEMINIST RESISTANCE
IN THE MOVEMENT OF THOSE AFFECTED BY DAMS

Allene Carvalho Lage
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
allene.lage@ufpe.br

Fábia Roseana Souza Oliveira da Silva
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
fabia.roseana@gmail.com

Resumo: Este artigo traz os resultados obtidos através de uma pesquisa de mestrado, a qual buscou responder a seguinte problemática, de que maneira a técnica chilena *arpilleras* constrói o tecido pedagógico da resistência feminista no MAB para os enfrentamentos das principais violações dos direitos humanos das mulheres atingidas? Como objetivo geral, buscamos compreender como a técnica chilena *arpilleras* constrói o tecido pedagógico da resistência feminista do MAB para documentação e denúncia, de forma participativa e abrangente os enfrentamentos dos principais violações dos direitos humanos das mulheres atingidas durante os processos de planejamento, construção e operação de barragens do nordeste do Brasil. Os objetivos específicos são os seguintes, a) dialogar com a construção pedagógica da técnica chilena *arpilleras* para os processos de resistência feminista das mulheres no MAB; b) sistematizar os princípios metodológicos e políticos da técnica *arpilleras*; c) conhecer as principais violações de direitos humanos sofridas pelas mulheres do MAB; d) analisar como a educação popular fortalece os processos de empoderamento das mulheres do MAB; e) descrever as narrativas autobiográficas das mulheres *arpilleristas* do MAB. Como percurso metodológico escolhemos a metodologia feminista, com abordagem qualitativa, e o método utilizado é o caso alargado. Os resultados apresentados apontam que, a organização política das mulheres atingidas por barragens dentro do MAB foi crucial para a utilização da técnica *arpilleras*, como metodologia de organização políticas das mulheres, identificando que a técnica de bordado *arpilleras* é uma linguagem não verbal, onde as mulheres atingidas denunciam as violações de direitos humanos que sofrem nos territórios utilizados para construção das barragens.

Palavras-chave: *Arpilleras*. MAB. Tecido Pedagógico.

Resumen: Este artículo presenta los resultados obtenidos a través de una investigación de maestría, que buscó responder al siguiente problema, ¿cómo la técnica de las arpilleras chilenas construye el tejido pedagógico de resistencia feminista en el MAB para enfrentar las principales violaciones a los derechos humanos de las mujeres afectadas? Como objetivo general, buscamos comprender cómo la técnica de las arpilleras chilenas construye el tejido pedagógico de la resistencia feminista del MAB para documentar y denunciar, de manera participativa e integral, el enfrentamiento de las principales violaciones a los derechos humanos de las mujeres afectadas durante la planificación, construcción y procesos de operación de represas en el noreste de Brasil. Los objetivos específicos son los siguientes: a) diálogo con la construcción pedagógica de la técnica de arpilleras chilena para los procesos de resistencia feminista de las mujeres en el MAB; b) sistematizar los principios metodológicos y políticos de la técnica de las arpilleras; c) comprender las principales violaciones de derechos humanos que sufren las mujeres del MAB; d) analizar cómo la educación popular fortalece los procesos de empoderamiento de las mujeres en el MAB; e) describir las narrativas autobiográficas de las arpilleras del MAB. Como camino



metodológico se optó por la metodología feminista, con enfoque cualitativo, y el método utilizado es el caso extendido. Los resultados presentados indican que la organización política de las mujeres afectadas por represas dentro del MAB fue crucial para el uso de la técnica de arpilleras, como metodología para la organización política de las mujeres, identificando que la técnica del bordado de arpilleras es un lenguaje no verbal, donde las mujeres afectadas denuncian las violaciones de derechos humanos que sufren en los territorios utilizados para la construcción de las represas.

Palabras clave: Arpilleras. MAB. Tejido Pedagógico.

Abstract: This article presents the results obtained through a master's degree research, which sought to answer the following problem, how does the Chilean *arpilleras* technique build the pedagogical fabric of feminist resistance in MAB to confront the main violations of the human rights of the women affected? As a general objective, we seek to understand how the Chilean *arpilleras* technique builds the pedagogical fabric of MAB's feminist resistance for documentation and reporting, in a participatory and comprehensive way, the confrontation of the main violations of women's human rights affected during the planning, construction and operation processes. of dams in northeastern Brazil. The specific objectives are as follows: a) dialogue with the pedagogical construction of the Chilean *arpilleras* technique for women's feminist resistance processes at MAB; b) systematize the methodological and political principles of the *arpilleras* technique; c) understand the main human rights violations suffered by MAB women; d) analyze how popular education strengthens the empowerment processes of women in MAB; e) describe the autobiographical narratives of the female *arpilleristas* of MAB. As a methodological path, we chose feminist methodology, with a qualitative approach, and the method used is the extended case. The results presented indicate that the political organization of women affected by dams within the MAB was crucial for the use of the *arpilleras* technique, as a methodology for women's political organization, identifying that the *arpilleras* embroidery technique is a non-verbal language, where women affected denounce the human rights violations they suffer in the territories used to build the dams.

Keywords: Arpilleras. MAB. Pedagogical Text.

Introdução

A década de 1930 emergiu no Brasil trazendo questões ligadas a posse e a propriedade da terra, e a partir deste contexto surgiram outras questões relacionadas à temática, foram agravadas através do capitalismo e da transição do modelo agrícola para modelo industrial, fazendo com que houvesse a intensificação de investimentos capitalistas, além das questões sociais, como a exclusão de trabalhadores/as rurais que foram expulsos de seus territórios arbitrariamente e dispensados do trabalho com a terra, se tornasse algo comum.

A partir da constante e desigual evolução do sistema capitalista no território brasileiro, novas e emergentes pautas surgiram, mostrando as várias faces deste sistema, que transgrediu a perspectiva do direito em todos os seus âmbitos, intensificando os conflitos por terra, violando os territórios de povos tradicionais, silenciando vozes, corpos, etnias e suas subjetividades.

A conjuntura construída pelo sistema capitalista, forçou vários sujeitos a resistirem, através de uma intensa militância que emergiu e se ramifica nos estados brasileiros, porém este chão que muitas vezes foi encharcado com sangue de homens e mulheres, também constroi o protagonismo de sua militância.



Territórios marcados por lutas, onde as mulheres cada vez mais se destacam, através do alargamento da participação nos espaços políticos e públicos, fortalecendo e legitimando a perspectiva que as mulheres são sujeitas de direitos, o que só vem sendo possível através do processo de auto organização das mulheres e dos movimentos sociais feministas.

A história das mulheres rurais, vem sendo construída gradativamente ao longo da história, assumindo várias formas de militância de acordo com as pautas que surgem, criando novas dinâmicas sociopolíticas e econômicas, englobando ações coletivas, ocupações, pressões, negociações e alianças com outros atores sociais que estão inseridos neste mesmo contexto, considerando a sua diversidade, subjetividade e singularidade.

Neste sentido, Vilênia Venâncio Porto Aguiar (2016) afirma que foi na década de 1980 que os movimentos de mulheres ganharam forma e significativa expressão nos processos de luta campesina. Porém, só foi após o período ditatorial que começaram a se articular com outros segmentos sociais e construíram outros espaços de expressão política, se configurando novos movimentos sociais, que englobam a luta das mulheres rurais.

De acordo com Aguiar (2016, p. 266), existem vários movimentos rurais distribuídos ao longo de todo território nacional, que refletem o contexto local desde da década de 1980 como dito anteriormente. A teórica destaca que

No Rio Grande do Sul, duas importantes organizações das mulheres: as “Margaridas” e as “Mulheres da Roça” (1986), que, posteriormente, deram origem ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul (MMTR), movimento estadual autônomo criado em 1989. Em Santa Catarina, surgiu em 1983, o Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA), estimulado pela ação da Igreja Progressista. Na Paraíba, podemos destacar o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central (MMTR SC), que surgiu em 1982. Em âmbito regional, houve o surgimento, em 1988, da Articulação das Mulheres Trabalhadoras Rurais da Região Sul e o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR – NE, criado em 1986 (AGUIAR, 2016, p. 266).

Sabemos que desde a década de 1980, a principal reivindicação das mulheres rurais tem sido, entre outras, o reconhecimento político de mulheres camponesas, trabalhadoras rurais, tanto pelo estado quanto por outros movimentos sociais do campo. Neste sentido, Aguiar (2016) reforça que este é um dos caminhos a serem seguidos para o reconhecimento do seu estatuto profissional e as mulheres rurais terem acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários, principalmente a extensão dos benefícios de seguridade social, incluindo licença-maternidade paga e a aposentadoria.

A violência, no entanto, tem sido uma marca na vida das mulheres rurais, enquanto as mesmas lutam para que os seus direitos sejam reconhecidos e assegurados, chegando até



terem suas vidas ceifadas. Porém, mesmo em um cenário tão controverso, as mulheres seguem deixando a sua marca na história do campesinato brasileiro, mulheres como Nilce de Souza Magalhães (Nicinha), pescadora e atingida pela Usina Hidrelétrica de Jirau na comunidade de Abunã, foi assassinada enquanto aguardava a vistoria do governo federal em conjunto com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), a fim de verificar a veracidade das denúncias feitas em 2015. Nicinha, como era conhecida, foi assassinada e seu corpo só foi encontrado 05 meses após a sua morte.

Dilma Ferreira Silva, nascida no estado de São Luís- MA, mudou-se para o Pará e viu sua cidade ser engolida pelas águas da barragem construída para a Usina Hidrelétrica do Tucuruí – PA, uma das maiores obras do país, inaugurada em 1984 durante a ditadura militar que desalojou mais de 6 mil famílias. Esta mulher ressignificou a sua dor e se tornou coordenadora do Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, no qual lutou bravamente contra o descaso no processo de reparação da obra por mais de 30 anos. Posteriormente, passou a residir no assentamento Salvador Allende localizado na zona rural de Baião-PA, onde foi assassinado cruelmente junto com seu companheiro e outro militante do MAB em 2019 (AMAZONIAREAL,2019).

Mulheres atingidas por barragens que seguem bravamente lutando nas trincheiras das denúncias dos crimes cometidos pela Vale S. A. no município de Brumadinho – MG, que ceifou mais de 272 vidas, em janeiro de 2019, transformando totalmente o cotidiano dos moradores e moradoras que viviam às margens do Rio Paraopeba, que perderam sua fonte de alimento, renda e lazer, além de conviverem com a aumento crescente de problemas psicológicos como depressão, ansiedade e doenças físicas como respiratórias e de pele.

Diante desta emergente violação e negligência de direitos, são as mulheres as principais lideranças comunitárias que não se intimidaram com o descaso do poder público e dos responsáveis por esta tragédia, e com o apoio de outras mulheres atingidas por barragens encontraram força para seguir adiante.

Para minimizar e propor o enfrentamento das demandas capitalistas no país, o MAB vem atuando em todo território nacional, em alguns estados como o Pará de forma mais vanguardista e em outros com atuação mais recente como é o caso do estado do Ceará.

Francisco Marcos Xavier de Sousa (2013), mostra que as atuações do MAB no Ceará surgiram com o Segundo Encontro Regional de Atingidos por Barragens no município de Iguatu-CE região centro-sul do estado e na Assembleia dos Atingidos ocorrida na cidade de Limoeiro do Norte, localizada na região Jaguaribana, região leste do estado.



A efetivação do MAB no Ceará, se deu a partir de uma construção coletiva, partindo da insatisfação dos cidadãos que residiam na área do Açude do Castanhão, pois ainda de acordo com Sousa (2013), estas insatisfações eram em detrimento a instauração dos processos da barragem, pois a população mais interessada era também a mais desinformada, no que diz respeito à forma como eles seriam atingidos diretamente pelo empreendimento e como ficariam a condição deles após esta construção.

As primeiras iniciativas das organizações do MAB, começaram a se expandir por todo o estado, mobilizando ainda mais atingidos direta ou indiretamente pela barragem do Castanhão. Sousa diz que as pautas reivindicadas eram:

As áreas que seriam alagadas, onde seriam instaladas as famílias residentes na zona rural, se os reassentamentos estariam de ofereciam as mesmas ou melhores condições de vida para os camponeses, levando em consideração os aspectos econômicos, sociais e principalmente culturais como preconiza a Comissão Mundial de Barragens (SOUSA, 2013, p. 68).

Desse modo, podemos entender que o MAB no Ceará foi construído sobre uma vertente diferenciada de sua atuação nos demais estados, os quais reivindicam as violações de direitos ocasionadas pela construção das Usinas Hidroelétricas, ancoradas no discurso capitalista que permeia o Brasil desde meados da década de 1950.

A questão do MAB na região Nordeste, especificamente no Ceará, está ligada à construção das barragens utilizadas como uma estratégia de armazenamento de água, cuja utilização está voltada para a agricultura irrigada, ou seja, a agroindústria, precisamente o agronegócio. Sousa (2013) ainda esclarece que o termo correto a ser utilizado nesta perspectiva seria o hidro agronegócio, pois segundo o teórico se refere à introdução do capital na implantação da agricultura irrigada.

De acordo com Sousa (2013, p.69), “o hidro agronegócio que é uma ramificação do agronegócio, e tem como objetivo priorizar a modernização da agricultura, porém de forma excludente tendo raízes profundas na monocultura e na produção voltada para o mercado externo.” Esta vertente capitalista, beneficia o latifúndio e prejudica diretamente o agricultor do campo, pois na maioria dos casos os agricultores não possuem condições financeiras para concorrerem com a agricultura irrigada, que é altamente mecanizada com altos índices de produtividade, tornando um mercado extremamente rentável para o capitalismo.

Podemos considerar que o hidro agronegócio é um braço do projeto desenvolvimentista, mantido através do uso exploratório dos recursos hídricos, de agrotóxicos e da expropriação



dos pequenos trabalhadores rurais do campo, que sofrem com o avanço capitalista expresso pelos megaprojetos das construções das barragens.

As barragens que fazem parte dos mega projetos elétricos, violam os direitos de homens e mulheres que residem nestes territórios, porém estas violações de direito não são de forma paritária, pois existem fortes indícios que indicam que existem violações que estão ligadas à perspectiva de gênero.

A pauta da construção das barragens, foi incluída nas demandas do campesinato brasileiro na contemporaneidade, porém o teórico João Pedro Stédile (2014), enfatiza que a reforma agrária ainda é a principal bandeira de luta dos cidadãos. Stédile (2014, p.663) ressalta que as primeiras discussões sobre a reforma agrária, surgiram no Governo João Goulart (1961-1964).

A reforma agrária trouxe uma onda de mobilizações por toda a América Latina através da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina - CEPAL, na qual se materializou através de um projeto de lei organizado pelo então ministro do Planejamento Celso Furtado, porém que foi vetado pelo governo em 1º de abril de 1964.

A seguir, o Brasil passa por 21 longos anos (1964 – 1985) de ditadura civil-militar onde todas as iniciativas de diálogo sobre reforma agrária foram silenciadas, pois em questão estavam a colonização, distribuição de terras públicas na fronteira agrícola da Amazônia legal para camponeses sem terra e para grandes fazendeiros além das empresas capitalistas da região Centro – Sul, onde só a partir de 1988 após a retomada do regime democrático, os movimentos sociais camponeses ressurgiram protagonizando as discussões sobre a necessidade da reforma agrária.

Enquanto o Brasil passava por 21 anos de ditadura civil-militar (1964 – 1985), o Chile no ano de 1974 sofreu um terrível golpe militar, liderado por Augusto Pinochet, que depôs de forma violenta o governo legítimo de Salvador Allende, eleito em 1970. Assim a ditadura de Pinochet trouxe ao país uma onda de opressão, supressão de direitos, tortura, morte e muita violência. É dentro desse cenário, que surge o movimento cultural das *arpilleras*, em um contexto histórico turbulento onde as mulheres chilenas se reinventaram politicamente.

O movimento das *arpilleras* se constituiu em vários segmentos de mulheres, porém a sua maioria eram órfãs, viúvas, mães, e irmãs de presos políticos, que obtiveram apoio da igreja católica. E então começaram a bordar retalhos em sacos de batata suas reivindicações particulares, para depois entenderem que de uma forma coletiva, aqueles bordados poderiam ser um instrumento de denúncia e de resistência à ditadura de Pinochet.



Figura 01 - Arpillera Chilena “*Democracia*”



Fonte: <https://parquedelamemoria.org.ar/>

Figura 02 - Arpillera Chilena “*Libertad a los presos políticos*”



Fonte: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/bordar-ato-transgressor/>

No Brasil, também na década de 1970 o Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, surge de uma forma embrionária na região Sul, sob forte influência da Comissão Pastoral da Terra – CPT, que já denunciava as violações de direitos sofridas em todo território nacional, especialmente na Amazônia e que diante desta conjuntura se expandia por toda região norte. Assim, após anos de atuação regional, o MAB na década de 1980 se firmava como movimento social, propondo o enfrentamento aos interesses econômicos capitalistas, com o tema “Água e Energia não são mercadorias”.



Hoje o MAB luta contra o modelo energético que explora os recursos naturais incontrolavelmente, além de se colocar contra o modelo de sociedade capitalista, construindo de forma coletiva, através de processos educativos, um projeto de sociedade alternativa e a possibilidade de modelo energético sustentável e popular.

O MAB enquanto movimento social é categorizado como sendo um movimento popular, que visa organizar e mobilizar toda a população atingida ou ameaçada, para lutar contra as construções de barragens e pela garantia dos direitos sociais dos povos atingidos por este processo. O movimento luta e constroi alternativas de enfrentamento e nessa esteira, as mulheres conquistaram o lugar na militância, pois além de sofrerem violações pelas as demandas comuns implicadas pelo processo das barragens, semelhantemente aos dos homens.

O MAB, ao longo dos anos, identificou que existem violações de direito que as mulheres sofrem especificamente pela questão de gênero. Estas demandas, que foram expostas através da construção coletiva, enviesada pelos processos de auto-organização propostos pelo movimento feminista, que pedagogicamente documentam e denunciam de forma participativa e abrangente as principais violações dos direitos das mulheres atingidas durante os processos de planejamento, construção e operação de barragens no Brasil. (MABNACIONAL,2019)

Figura 03 - “Processo formativo coletivo das *Arpilleras* do MAB”



Fonte: “Bordando a luta: O Coletivo de Mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens e as oficinas de Arpilleras como estratégia de mobilização social.”



Desta forma, a partir de 2013, o MAB passou a considerar a técnica chilena *arpilleras* em seu plano pedagógico. A experiência de utilização dessa técnica, em sua maior parte, foi implementada em 2014, e desenvolvida em 14 microrregiões dos estados de Rondônia, Pará, Tocantins, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Figura 04 - “Arpillera privatização que mata”



Fonte: <https://mab.org.br/2019/03/18/mab-exp-e-arpilleras-na-ufpa-em-bel-m-pa/>

Inicialmente, foram envolvidas cerca de 900 mulheres atingidas ou ameaçadas por projetos de barragens (maioria de projetos de produção de energia hidrelétrica, mas também de acumulação de água). Por isso, o MAB se constitui no movimento social brasileiro onde esta técnica foi mais utilizada e por isto faz sentido esta pesquisa que procura entender esta experiência político-pedagógica vivenciada por grupos de mulheres conhecidas como *arpilleristas*.

O MAB considera como ápice desse processo, até o momento, a exposição “*Arpilleras, bordando resistência*”, no Memorial da América Latina em São Paulo - SP, no qual foram expostas cerca de 30 *arpilleras* feitas coletivamente pelas mulheres do MAB, que não são apenas artes figurativas e sim elementos de discussão e reflexão para popularizar o movimento e suas boas práticas.

De acordo com o MAB (2015) o trabalho com as *arpilleras* consiste em uma metodologia feminista de educação popular, construída de forma coletiva em encontros de



mulheres atingidas em todas as regiões do país que hoje fazem *arpilleras*. O Coletivo de mulheres do MAB já registrou mais de cento e cinquenta encontros, com mais de novecentas mulheres que produziram mais de cem *arpilleras* que seguem sendo replicadas.

A técnica *arpillera* consiste em retalhos que são bordados em sacos de batatas, que representam as violações de seus direitos, como forma de registro, numa linguagem de amplo conhecimento entre as mulheres rurais, atingidas por barragens. Por meio, de bordados de desenhos, palavras e cores narram seus sofrimentos numa estética que não exige o domínio mais profundo da escrita, mas funciona como um registro que expressa um conteúdo compreensível através da perspectiva do cotidiano das mulheres do MAB.

De acordo com Esther Vital Conti (2016) *“las arpilleras han sido un nuevo lenguaje para poder re-significar la propia identidad, las propias relaciones, la propia experiencia, la propia historia”* (CONTI, 2016, p. 265). Compreendemos assim, que *Arpillera* é um bordado que traz consigo a história, a memória, as marcas da violência e o olhar das mulheres *Arpilleristas* que a produzem.

A autora Marjorie Augosin (2007) explica que muitos mencionam as *Arpilleristas* do período ditatorial chileno, como mulheres extraordinárias que mesmo diante do terror, da extrema pobreza a qual foram inseridas com suas famílias, desafiaram o sistema e conseguiram transformar minimamente sua realidade, utilizando o que elas tinham em mãos, linhas coloridas e agulhas.

Desta forma, a autora explica que “o termo *arpillera* em inglês significa “burlap”, o que em espanhol passa a significar *o tecido da resistência*” (AUGOSIN, p. 51-54, 2007) e ainda esclarece, que as *arpilleras*, nasceram em um contexto de ausência de diálogos, onde os cidadãos eram privados de todo e qualquer direito de fala, escrita ou participação de possíveis partidos políticos, e é neste cenário que as *arpilleras* floresceram de forma tímida dentro dos pátios das igrejas e bairros chilenos considerados subalternos, onde histórias tecidas com fios de roupas velhas narram aquilo que não poderia ser mencionado, mas que precisava ser exposto.

Portanto quando me referir às *arpilleras*, estarei falando do bordado produzido com retalhos, já quando estiver mencionando as *arpilleristas* me refiro às mulheres que produzem estes bordados.

Partindo dessa contextualização, esta pesquisa de mestrado, se propôs a responder ao seguinte problema: De que maneira a técnica chilena *arpilleras* constrói o tecido pedagógico da resistência feminista no Movimento dos Atingidos por Barragens para os enfrentamentos das principais violações dos direitos humanos das mulheres atingidas?



Como objetivo geral, buscamos compreender como a técnica chilena *arpilleras* constrói o tecido pedagógico da resistência feminista no Movimento dos Atingidos por Barragens para a documentação, denúncia, de forma participativa e abrangente os enfrentamentos das principais violações dos direitos humanos das mulheres atingidas durante os processos de planejamento, construção e operação de barragens no Nordeste do Brasil.

Seguindo o caminho para o desenvolvimento desta pesquisa, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) dialogar com a construção pedagógica da técnica chilena *arpilleras* para os processos de resistência feminista das mulheres no MAB; b) sistematizar os princípios metodológicos e políticos da técnica *arpilleras*; c) conhecer as principais violações de direitos humanos sofridas pelas mulheres do MAB; d) analisar como a educação popular fortalece os processos de empoderamento das mulheres do MAB; e) descrever as narrativas autobiográficas das mulheres *arpilleristas* do MAB.

Metodologia

Com o objetivo de compreender como a técnica de bordado chilena *arpilleras* se constrói o tecido pedagógico da resistência feminista no Movimento dos Atingidos por Barragens para a documentação, denúncia, de forma participativa e abrangente os enfrentamentos das principais violações dos direitos humanos das mulheres atingidas, durante os processos de planejamento, construção e operação de barragens no Nordeste do Brasil, iremos utilizar a metodologia feminista, apresentada pela teórica Marta Castañeda (2008).

Para tanto, a autora Marta Castañeda (2008) nos apresenta alguns caminhos teóricos que nos mostram uma realidade pautada na realidade feminista, pois se faz necessário falarmos de uma metodologia feminista, a partir de uma perspectiva construída que contrapõe a perspectiva androcentrista colonial da ciência e assim construirmos novos caminhos teóricos e metodológicos, para desconstruir os preconceitos de gênero em metodologias convencionais que sustentam a desigualdade entre os sexos, e excluem as mulheres.

Entendemos que trabalhar esta metodologia com a interface das mulheres *arpilleristas*, é muito relevante, pois estas mulheres partem de uma perspectiva social, política e histórica para reinventar sua forma de ver o mundo, dialogando sobre suas violações e reinventando formas de denúncia a partir de um olhar de(s)colonial.

Porém, não basta apenas dialogar sobre epistemologias feministas, é necessário que mulheres intelectuais feministas falem sem interlocutores, pois o lugar dessa fala traz uma representatividade importante para romper paradigmas científicos, estabelecidos pelo



silenciamento de mulheres que se propuseram dialogar sobre temáticas, pois como relata Castañeda (2008), o método de investigação feminista e a teoria feminista possui uma relação mútua.

Esta relação é intrínseca e constituída através da teoria feminista, pois a mesma é um vasto campo de elaboração conceitual, com o objetivo fundamental de analisar exaustivamente as condições opressão das mulheres, se baseando nas desigualdades impostas pelas sociedades patriarcais, que foram constituídas através das relações de gênero.

Por este motivo, as teorias feministas percorrem diversas áreas de conhecimento como o campo científico amplo contemplando aspectos sociais, culturais e políticos, unidos para que de forma plural, as intelectuais feministas possam explicar as transformações que possibilitaram a transformação de diferença sexual em desigualdade sexual.

Esta perspectiva, segue a linha dos processos históricos-sociais das sociedades patriarcais, que contribuem para compreensão da dominação, subordinação e opressão das mulheres, porém o que precisamos entender é que estas concepções se deram através dos estudos iniciais de gênero, pois a mesma conseguiu explicar que o gênero é uma construção social, cultural, política e histórica dos sujeitos e que todas estas derivam do sexo.

Castañeda (2008), ainda afirma que o gênero é uma categoria relacional de diferenciação mútua, que foi além dela exclusivamente, para estabelecer a divisão da humanidade em categorias sociais exclusivas e excludentes.

Neste sentido, a abordagem que será utilizada nesta pesquisa é a abordagem qualitativa de acordo com o teórico John Creswell (2007, p. 207-237), pois entendemos que a mesma contribui com o método de investigação feminista apresentado inicialmente.

Creswell (2007, p.207), os métodos qualitativos mostram uma abordagem diferente da investigação acadêmica, do que aquela dos outros métodos, pois a investigação qualitativa utiliza diferentes concepções filosóficas, estratégias de investigação, métodos de coleta, análise e interpretação dos dados. Além disso, ainda na visão de Creswell (2007, p.207), na pesquisa qualitativa o/a pesquisador/a irá se basear em dados de texto e imagem, tendo passos singulares na análise de dados que se valem de diferentes estratégias de investigação.

O teórico Creswell (2007, p.211) afirma que o papel do pesquisador/a na pesquisa qualitativa é muito importante, pois se trata de uma pesquisa interpretativa, onde o investigador/a está envolvido/a em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes da pesquisa, o que introduz de acordo com o teórico uma série de questões estratégicas, éticas e pessoais ao processo de pesquisa qualitativa.



Neste sentido, Creswell (2007, p.211) afirma que quando o pesquisador/a considera as questões apresentadas acima, é identificado de forma explícita e reflexiva seus vieses, seus valores, origens pessoais, como gênero, história, cultura e status socioeconômico, o que levarão o pesquisador/a à moldar suas interpretações durante sua pesquisa.

XXX (2013, p. 50) ao escrever sobre a pesquisa qualitativa diz :

De fato, a pesquisa qualitativa tem um viés que leva o investigador ao encontro de subjetividades que não conseguem se esconder, como acontece no universo da pesquisa quantitativa. As subjetividades afloram fora das regras e condicionamentos prévios, no contato, no diálogo e no confronto da realidade. Entender essas subjetividades e delas extrair novas compreensões requer metodologias claras, que possam admitir a diversidade de discursos, sentidos e sentimentos inéditos dos sujeitos de pesquisa com seus lugares de atuação (XXX, 2013, p. 50).

Nesta perspectiva, entendemos que a abordagem da pesquisa qualitativa se enquadre como a melhor alternativa para referida pesquisa, pois a mesma retrata o contexto das lutas sociais presente na sociedade capitalista.

XXX (2013, p. 47) diz as lutas sociais possuem trajetórias diversas, que produzem a partir de suas experiências de enfrentamento às desigualdades sociais, econômicas, educacionais, ambientais e políticas epistemologias próprias de análise e de intervenções, as quais são capazes de confrontar as principais problemáticas sociais e apresentar propostas de transformação para as condições sociais historicamente desiguais.

Neste sentido, sendo esta pesquisa localizada no campo das ciências humanas, é necessário que a metodologia de pesquisa escolhida rompa com a hegemonia imposta pelas metodologias tradicionais, considerando o que afirma XXX (2013, p. 50-51) que enfatiza a necessidade do diálogo com sujeitos, novos conhecimentos advindos de um processo epistemológico criativo, que possa dar conta do enorme potencial de aprendizagem que existe dentro do universo da pesquisa qualitativa.

Método de Pesquisa

Através das reflexões teóricas de Boaventura de Sousa Santos (1983), compreendemos que o método mais adequado para a realização desta pesquisa, é o método caso alargado que foi desenvolvido pela antropologia cultural e social, se opondo a perspectiva da generalização positivista, pela quantidade e pela uniformização a generalização, pela qualidade e pela exemplaridade.



Santos (1983, p. 03-04) esclarece que o método caso alargado:

Em vez de fixar a quantidade de casos (observações) adequada, o método de caso alargado escolhe um caso ou número limitado de casos em que se condensam com particular incidência de vetores estruturais mais importantes das economias internacionais dos diferentes participantes das economias internacionais dos diferentes participantes numa dada prática social setorial. Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou mesmo de único. A riqueza do caso não está no que há nele de generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que o constituem (SANTOS, 1983, p. 03-04)

Nesta perspectiva, Santos (1983) afirma que o caso alargado nos convida a dar um salto na imaginação sociológica entre o mais detalhado e minucioso, o mais geral e indeterminado, vetando qualquer tipo de isolamento dos fatos objetivos em um sentido subjetivo ou intersubjetivo, desta forma para que haja subsídio teórico a esta metodologia, prefere os registros linguísticos que por muitas vezes, materializam-se nas economias interacionais nas regiões de significação.

Sobre o método caso alargado, Santos (1983, p.12) ainda esclarece que:

Como qualquer método, o caso alargado esta propicio a ter limitações, alertando que o seu uso indevido pode nos trazer riscos, como pontuado por ele, o risco do descritivismo, por este motivo é necessário ter cautela ao escolher o caso de aplicação do método e o outro risco apontado pelo o autor é a sobre teorização que o contrário do ponto levantado anteriormente, parte do pressuposto que por mais rico e complexo que seja, nunca contempla todas as questões teóricas levantadas pelas análises estruturais (SANTOS, 1983, p.12).

Desta forma, compreendemos a partir das lentes teóricas do autor que o método caso alargado, tende a privilegiar o uso de técnicas de observação participante, além de observação sistemática, entrevistas não estruturadas, entrevistas em profundidade e análise documental.

Delimitação e Local da Pesquisa

A nossa pesquisa foi realizada voltada, para o trabalho organizativo que o MAB faz com as mulheres atingidas por barragens, através da técnica de bordado chilena *arpilleras*, considerando as singularidades que estas possuem e principalmente entendendo que as violações de direitos ocorridas nos territórios das barragens também possuem recorte de gênero.

Assim, neste campo epistemológico a pesquisa de campo proposta dar-se-á no Estado do Ceará, na região do Vale do Rio Jaguaribe, especificamente com as mulheres atingidas



nos assentamentos de Jaguaretama e Jaguaribara, onde houve um intenso processo organizativo do MAB, utilizando a técnica das *arpilleras* e realizando encontro regionais e locais com as mulheres, onde queremos levantar dados empíricos para darmos continuidade a pesquisa proposta.

Fontes de Informação

O trabalho de coleta de dados foi realizado em quatro grupos sociais. Desta forma os grupos escolhidos para se estabelecer um diálogo e/ou observação para fins desta pesquisa são:

Quadro 1 - Grupos Sociais Escolhidos

ENTREVISTAS	FILMES	ACERVO
Mércia Vieira (Coordenadora do MAB Ceará)	<i>Arpilleras</i> : atingidas por barragens bordado a resistência. ¹	Acervo das <i>arpilleras</i> nacional do MAB
Daiane Carlos Hohn (Coordenadora Nacional do MAB)		
Esther Vital Garcia Conti (Arpillerista, investigadora, ativista dos Direitos Humanos, educadora popular e produtora cultural)		

Fonte :Autoria própria

Análise e sistematização dos dados

Para a análise dos dados, serão utilizadas a Técnica da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) e as Narrativas Autobiográficas (BOLÍVAR e DOMINGO, 2001) que foram as metodologias escolhidas para o tratamento dos dados coletados.

Para Bardin (2016, p.15) a aplicabilidade coerente dessa técnica pressupõe o desenvolvimento de três fases, que são: a pré-análise; a exploração do material; e, por fim, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

De acordo com a Bardin (2016, p.15-16) o respectivo método consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados, oscilando entre os fatos da objetividade e da fecundidade da subjetividade.

¹ Link para filme *Arpilleras*: atingidas por barragens bordado a resistência: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>



Seguindo este fluxo, as narrativas autobiográficas vêm adquirindo uma identidade própria, através do desenvolvimento e variantes metodológicas encontradas na América Latina.

Nesta perspectiva, os autores Bolívar e Domingo (2001, sp) afirmam:

As narrativas autobiográficas vêm com o objetivo de trazer novos gêneros biográficos e narrativos, para representar a experiência vivida socialmente, mostrando dimensões reais da vida pessoal e política, que até então eram distantes de formas políticas tradicionais. Narrativa é um gênero relevante para representar e dialogar com a vida cotidiana em contextos especializados. História de vida e investigação narrativa, pois, configuram um campo próprio de investigação, que a cada dia tem maior relevância e tem se potencializado pela insatisfação das narrativas pós-modernas e as reivindicações das perspectivas pessoais das ciências sociais. (BOLÍVAR e DOMINGO, 2001,sp – Tradução Livre)

Portanto, aos escolhermos narrativas autobiográficas para compor as análises dos dados obtidos no campo de pesquisa, entendemos que para além da investigação a partir do uso desta metodologia, podemos construir pontes transversais multidisciplinares, entre as ciências sociais e as histórias contadas através da técnica de bordado *arpilleras*.

Bolívar e Domingo (2001, sp) ainda ressaltam, que as narrativas autobiográficas potencializam a palavra dos sujeitos, com força, pois partem de suas experiências, memória e identidade, se tornando uma ferramenta potente que entrem no mundo das identidades, dos significados, dos saberes práticos do cotidiano que estão presentes em processos de interação, identificação e reconstrução pessoal, cultural e política.

A profundidade do trabalho de campo, revelou aspectos muito importantes sobre a técnica *arpilleras*, que não estavam no foco desta pesquisa, mas que trouxeram um conhecimento aprofundado sobre a referida técnica e sobre as mulheres *arpilleristas*.

Inicialmente, buscamos nos aprofundar em seis aspectos, expressos através de nossos objetivos específicos, porém com a pesquisa de campo, colhemos quatro vezes mais esta quantidade de informação.

Resultados e Discussões

No ano de 2020 começamos a trilhar os caminhos epistemológicos, os quais nos fizeram embarcar em uma longa e instigante jornada chamada mestrado. Evidentemente que eu não fazia ideia do que estaria por vir, nem tampouco as conquistas epistêmicas que faria, ao me debruçar sobre o rico referencial teórico e metodológico que foram escolhidos além das entrevistas e o contato com o campo de pesquisa.



Nossa pesquisa que tem como objetivo geral, compreender como a técnica chilena das *arpilleras* constrói o tecido pedagógico da resistência feminista no Movimento dos Atingidos por Barragens para a documentação, denuncia, de forma participativa e abrangente os enfrentamentos das principais violações dos direitos humanos das mulheres atingidas durante os processos de planejamento, construção e operação de barragens no Nordeste do Brasil.

Logo que iniciei esta aventura, estava fascinada diante das inúmeras possibilidades que estavam surgindo, e de todas as contribuições que estávamos angariando, através das aulas das disciplinas que estávamos prestes a iniciar, além das vivências na UFPE no Centro Acadêmico do Agreste. Porém, o mundo foi pego de surpresa pela pandemia do COVID-19, e nós tivemos que nos adaptar a uma nova rotina, que afetou diretamente nossas pesquisas, nos desafiando a uma perspectiva acadêmica que nos encorajou a desbravar novos horizontes com outras possibilidades, ressignificando este momento.

Nossa pesquisa que teve com ponto de partida a metodologia feminista, pois compreendemos que precisaríamos ir de encontro a perspectiva androcentrista colonial da ciência, através de uma abordagem qualitativa o qual nos levou, ao encontro das subjetividades presente nos bordados e diálogo presente nas *arpilleras*, o que nos levou ao método Caso Alargado, alargando o nosso olhar diante do objeto de pesquisa, nos fazendo dar um salto na imaginação sociológica através das entrevistas não estruturadas, que foram profundas, além da análise documental.

Desta forma, voltamos a nossa problemática de pesquisa: De que maneira a técnica chilena *arpilleras* constrói o tecido pedagógico da resistência feminista no Movimento dos Atingidos por Barragens para os enfrentamentos das principais violações dos direitos humanos das mulheres atingidas? e os nossos objetivos específicos que buscam evidenciar os principais resultados encontrados no percurso trilhado, para que pudéssemos concluir o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado.

O nosso primeiro objetivo específico, consiste em dialogar com a construção pedagógica da técnica chilena *arpilleras* para os processos de resistência feminista das mulheres do MAB, podemos perceber através das entrevistas com a coordenadora nacional do MAB Dani Hohn e a coordenadora estadual do MAB no Ceará, Mércia Veieira que nos mostraram que foi de forma orgânica que o MAB começou a entender que precisaria encontrar uma forma de legitimar, as denúncias de violações de direitos humanos que eram identificadas nos territórios das barragens, pois sabiam que existiam mas como se trata de um movimento social, que constantemente é marginalizado pela sociedade, não havia credibilidade em suas denúncias, por mais volumosas e reais que elas fossem.



Após o ano de 2007-2008 quando houve uma investigação do Ministério de Minas e Energia, da Casa Civil e da Comissão Nacional dos Direitos Humanos – CDDH, em 07 barragens no Brasil, o poder público identificou que as denúncias feitas pelo MAB eram verídicas e estavam presentes em todo território nacional, sendo constatado que as principais vítimas de todas as violações eram as mulheres, especificamente as que residiam nas regiões Norte e Nordeste.

Diante desta realidade, o MAB começou a fazer reuniões com as mulheres atingidas em todo país acolhendo suas reivindicações, porque embora na maioria das vezes fossem as mesmas, haviam especificidades regionais. Então em 2015 houve o 1º Encontro de Mulheres Atingidas por Barragens em Brasília, reunindo mais de 500 mulheres de 15 estados.

Este primeiro encontro foi crucial, pois a partir de 2015 o MAB começou a realizar reuniões estaduais e regionais com as mulheres, a fim de construírem coletivamente uma metodologia que refletisse a identidade das mulheres atingidas. Assim, a coordenação nacional do movimento, convidou a pesquisadora e *arpillerista* Esther Vital para contribuir para este processo de construção, pois ela já estava trabalhando com a técnica das *arpilleras* através de uma ONG internacional, que estava propondo alguns trabalhos pela Cooperação Internacional da União Europeia.

Neste mesmo período de 2015, às mulheres do MAB foram convidadas a participar de um conjunto de oficinas de *arpilleras*, que estavam acontecendo na Argentina, onde após vivenciarem esta experiência voltaram para o Brasil e começaram a replicar o que aprenderam. Após este momento, o MAB instituiu a técnica das *arpilleras*, como a metodologia de organização feminista das mulheres atingidas por barragens do MAB.

O nosso segundo objetivo específico, consiste em sistematizar os princípios metodológicos e políticos da técnica das *arpilleras*, este objetivo só podemos entendê-lo com profundidade, quando entrevistamos Esther Vital que pode nos explicar como se deu os princípios metodológicos da técnica.

Após refletir sobre a entrevista realizada, entendemos que as *arpilleras* não são apenas uma técnica, pois existe toda uma história por trás dos bordados que são construídos. As *arpilleras* são uma linguagem, construída por mulheres que vivenciaram e vivenciam uma realidade que de tão cruel e paralisante, se torna indizível. Assim as *arpilleras* são a linguagem que expressa, registra e denuncia as histórias das violências e opressões vividas por mulheres ao redor do mundo.

Ao compreendermos que as *arpilleras* são uma linguagem, o nosso olhar foi ampliado sobre os bordados, e percebemos que cada cor, cada desenho, cada traço colocado pelas



mulheres possui o seu significado específico, além do que ao final de cada peça, as mulheres escrevem uma carta contando a história daquela *arpillera*.

Dentro do MAB a técnica das *arpilleras*, é a metodologia de organização das mulheres atingidas por barragens e os seus bordados são a linguagem da denúncia que elas constroem coletivamente, pois as *arpilleras* são construídas em grupos de 05 mulheres.

As mulheres *arpilleristas* do MAB aprenderam a técnica em si, com as mulheres *arpilleristas* chilenas, porém a identidade das mulheres do MAB fazendo com que aqui no Brasil, os bordados seguissem uma metodologia específica construída pelo coletivo de mulheres do MAB.

Metodologicamente o coletivo nacional de mulheres do MAB, relaciona eixos temáticos pertinentes a conjuntura da luta dos povos atingidos e pautas específicas das mulheres como o preço da luz elétrica, o sistema capitalista, o patriarcado, a divisão sexual do trabalho entre outros, que quando chegam nas regiões estas temáticas convergem com as especificidades de cada estado e localidade.

Nas nossas entrevistas, as coordenadoras do MAB relataram que nas comunidades, o movimento organiza grupo de base nas comunidades que são grupos mistos e intergeracionais, onde as crianças participam, porém, em outro espaço chamado Cirandas, onde são trabalhados os mesmos temas que os grupos de base, porém com linguagem própria.

Quando os temas são trabalhados no grupo misto, as mulheres se reúnem para compartilhar e debater temáticas específicas ao gênero, e após as discussões em grupos de 05 mulheres, as mulheres começam a construir as *arpilleras*, diante do direcionamento estabelecido pelo coletivo nacional das mulheres, para que independente do estado ou região, sigam um padrão de tamanho e formato das peças.

Os materiais utilizados pelas mulheres para fazerem as *arpilleras* são as mulheres que trazem de suas casas, pois até eles possuem um significado como foi relatado nas entrevistas existe muita afetividade cercando todo o processo de confecção das peças. Quando as peças estão prontas, as mulheres constroem a carta que cada *arpillera* carrega e os membros da coordenação do MAB, fazem o registro fotográfico e a respectiva peça é guardada no acervo regional, para depois seguir para a coordenação nacional do MAB em São Paulo.

Alguns aspectos diferem as *arpilleras* do MAB das *arpilleras* chilenas, o que as coordenadoras do movimento fizeram questão de afirmar em suas narrativas. A primeira diferença é que no Chile as mulheres produziam as *arpilleras* de forma individual, aqui no Brasil o MAB a absoluta exigência que as peças sejam produzidas coletivamente. Outra diferença é que no Chile, as mulheres faziam as *arpilleras* como uma forma de obter uma



fonte de renda, mas aqui no Brasil as mulheres produzem as peças com um direcionamento político, denunciando as violações de direitos que sofrem.

O nosso terceiro objetivo específico, conhecer as principais violações de direitos humanos sofridas pelas mulheres do MAB, que foram constatados no relatório da Comissão Nacional dos Direitos Humanos – CDDH, 16 direitos humanos que foram violados, sendo eles: direito à informação e à participação, direito à liberdade de reunião, associação e expressão, direito ao trabalho e a um padrão digno de vida, direito à moradia adequada, direito à educação, direito a um ambiente saudável e à saúde, direito à contínua das condições de vida, direito à plena recuperação das perdas, direito à justa negociação, tratamento isonômico, conforme critérios transparentes e coletividade acordados, direito de ir e vir, direito às práticas e aos modos de vida tradicionais, assim como ao acesso e preservação de bens culturais, materiais e imateriais, direito dos povos indígenas, quilombolas e tradicionais, direito aos grupos vulneráveis é proteção especial, direito de acesso à justiça e à razoável duração do processo judicial, direito à reparação por perdas passadas e direito de proteção à família e aos laços de solidariedade social ou comunitária.

Todas as violações de direitos humanos mencionadas, as populações atingidas por barragens sofrem seus impactos diretamente ou indiretamente, porém o que podemos perceber que as mulheres sofrem mais, por causa do gênero e diferem a sua a profundidade e amplitude de acordo com a região, pois como já mencionamos as especificidades de cada região precisa ser considerada.

O nosso quarto objetivo específico, analisar como a educação popular fortalece os processos de empoderamento das mulheres do MAB, onde podemos observar que todo o processo de formação coletiva, parte da educação popular tanto da parte do movimento, que forma seus militantes para que eles possam ser agentes multiplicadores dos eixos apontados pela coordenação nacional do movimento.

Nas cinco regiões do Brasil, as formações de base além de serem intergeracionais seguem o mesmo princípio da educação popular, onde a temática é lançada, mas todo apreendem de forma mútua, com as teorias apresentadas e com a vida de cada atingido ou atingida, pois toda a experiência é voltada para a formação militante e fortalecimento do MAB.

Especificamente no processo da confecção das *arpilleras*, podemos enxergar a educação popular como o bordado que une, a metodologia do coletivo das mulheres, os eixos temáticos trabalhados, a técnica de bordado, os materiais a serem utilizados e a troca de saberes e experiências que existem e que são a base para que as peças possam ser produzidas, com tanta riqueza de detalhes, pois as *arpilleras* contam verdades, histórias e memórias.



O nosso quinto objetivo específico, descrever as narrativas autobiográficas das mulheres arpilleristas do MAB, para nós a forma que as narrativas autobiográficas aparecem nas *arpilleras*, foi algo surpreendente pela capacidade descritiva que são impressas nas peças pelas mulheres que as constroem. Este processo só foi compreendido em sua totalidade, quando mergulhamos fundo em todo processo que está por trás do bordado.

Desta forma, podemos compreender que tudo começou quando o MAB entendeu que precisava organizar as mulheres, pois as violações de direitos que elas sofrem nos territórios das barragens são em detrimento ao gênero, posteriormente a sensibilidade que o movimento teve ao escolher a metodologia da técnica de bordado *arpilleras* para trabalhar com as mulheres.

Compartilhando coletivamente os saberes, dores e experiências, os grupos de base que formam homens e mulheres militantes do movimento, fazendo com que eles encontrem na luta coletiva, a força para lutarem pelos seus direitos violados pelo sistema capitalista, além do trabalho específico com as mulheres, forjando mulheres *arpilleristas* que aprenderam entre si, que por mais dolorosa que seja as violências que suas vidas e suas corpos carregam, elas precisam ser denunciadas pois a luta coletiva precisa ser fortalecida.

As *arpilleras* quem em todo esse processo, possuem um papel fundamental de dizer ao mundo a histórias dessas mulheres que a partir das cores, tecidos, linhas e bordados que contam através da sua história, a vida de incontáveis mulheres que direta ou indiretamente contribuíram para que as *arpilleras* carregassem vidas.

Aprendemos que em grupos de 05 as mulheres, compartilham seus materiais e confeccionam as *arpilleras*, após elas narram a história daquela peça, cinco narrativas que se unem construindo algo grandioso, pois mesmo sendo 5 em uma única peça, podemos enxergar de forma clara todas elas através das cartas escritas a mão que cada *arpillera* carrega, faz parte de uma grande marcha que as levam a denunciar aquilo que bordaram de forma única, pois cada peça é única.

As narrativas das mulheres, expressas pelas *arpilleras* e suas cartas nas cinco regiões do Brasil, foram unidas em um documentário que teve as *arpilleras* como pano de fundo, mas foi construído através da narrativa das mulheres, foram elas as protagonistas, as roteiristas e as diretoras. Narrativas que nos emocionaram com uma realidade até então desconhecida para muitos, pode ser vista internacionalmente através de exposições e rodas de diálogos presenciais ou virtuais e hoje está disponível nas plataformas das redes sociais gratuitamente.

Com a pandemia do COVID – 19, o MAB entendeu que precisava organizar em um acervo online, onde foi contabilizado todas as peças das *arpilleras* que já haviam sido feitas



em todo o Brasil, as separando por região, eixo temático, registro fotográfico da peça e suas cartas para que as narrativas das mulheres pudessem chegar ainda mais longe, e servisse de base para alargar ainda mais a metodologia organizativa das mulheres do MAB.

Considerações finais

A sociedade precisa saber que as *arpilleras* são a linguagem da denúncia de mulheres, que coletivamente encontraram uma forma de seguir denunciando, resistindo e lutando junto com o MAB e os outros movimentos sociais, por uma sociedade que entenda que mulheres, água e energia não são mercadorias, onde direitos conquistados precisam ser assegurados pela sociedade e não podem ser negligenciados.

Desta forma, após apontar os resultados obtidos pelos nossos objetivos específicos, respondendo a nossa pergunta de pesquisa, evidenciado o nosso objetivo geral, acreditamos que as *arpilleras* são a linguagem que denunciou todos processos de violações de direitos humanos que as populações atingidas por barragens, evidenciando as mulheres atingidas sofrem.

Os bordados das *arpilleras*, nos mostram que o discurso desenvolvimentista disseminado pelo sistema capitalista é uma grande falácia, pois o desenvolvimento proposto é unilateral, só beneficiando uma mínima parcela da população que serve para retroalimentar um sistema que viola os direitos a todo custo, para manter sua hegemonia e dominação.

As narrativas das mulheres *arpilleristas*, nos mostra que as barragens não são construídas com uma única finalidade de alimentar as usinas hidrelétricas, elas são construídas para sanar as necessidades que as indústrias possuem em cada região do Brasil.

Esta perspectiva fica clara, quando ouvimos e vemos através dos bordados, as narrativas das mulheres *arpilleristas* do Ceará, onde as mesmas denunciam que as a barragem do Castanhão não foi feita para produzir energia, e sim para alimentar as indústrias do estado e que a população que mora nos assentamentos em torno dos canais que levam água para a Fortaleza, não tem acesso a água, pois a água é apenas para ver.

As denúncias feitas pelas mulheres, também mostram que as outras barragens que são construídas a partir da barragem do Castanhão, são em territórios que foram desapropriados indevidamente, foram mal estruturadas por não suportarem os períodos da seca do sertão cearense, fazendo com que se torne o um ciclo de desapropriação para construção de barragens, e quando secam tomam outros territórios e assim sucessivamente, para suprir as necessidades capitalistas.



Nas trincheiras das violações dos direitos, às mulheres atingidas por barragens encontraram na coletividade uma forma de denunciar as violências que sofrem, construindo um tecido de resistência que transformou a dor em arte através das *arpilleras*, mostrando através de uma linguagem própria, as narrativas as quais o capitalismo tentou silenciar mas não conseguiu, pois a arte as mulheres *arpilleristas* rompe e desafia todo e qualquer sistema opressor.

Finalmente, nossa pesquisa buscou mostrar o quão potente são os bordados construídos pelas mulheres *arpilleristas* do MAB, além do trabalho de base que é feito nas comunidades atingidas por barragens, fazendo com que as violações de direitos humanos fossem denunciadas de forma única, carregando em cada peça a história das vidas das mulheres que as produziram.

A nossa pesquisa chega até aqui finalizando o ciclo do mestrado, mas abrindo várias possibilidades com outros desdobramentos, pois concluímos que tudo que foi escrito nestas páginas, não esgotam a potência epistemológica que as *arpilleras* carregam.

As *arpilleras* são um símbolo da descolonização das corpos das mulheres atingidas por barragens, que seguem na luta pela seguridade de direitos e pela legitimação dos direitos das populações atingidas, pois através da arte elas bordam para o mundo que mulheres, água e energia não são mercadorias.

Referências

AGOSIN, Marjorie. **Tapestries of Hope, Threads of Love: The Arpillera Movement in Chile.** Ed. Rowman & Littlefield Publishers, 2007.

AGUIAR, Vilenia Venancio Porto. “**Mulheres Rurais, Movimento Social e Participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas**” In: **Política e Sociedade**, Florianópolis, Vol. 15, Edição Especial, p. 261 – 295, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/21757984.2016v15nesp1p261/33804>> Acesso em: 24 de fevereiro de 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução: Luis Antero Neto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2016.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNANDEZ, M.. **La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología.** Madri, Espanha: Editorial La Muralla S.A., 2001

CASTAÑEDA, Martha Patricia Salgado. **Metodología De La Investigación Feminista.** Colección Diversidad Feminista, Abril, 2008.

CONTI, Esther Vital Garcia. **Arpilleras y empoderamiento afectadas por represas, de víctimas a defensoras de derechos humanos.** 2016.



CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

XXX,XXX. **Educação e movimentos sociais**: caminhos para uma pedagogia de luta. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2013.

MAB, MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. **Mulheres atingidas por barragens em luta por direitos e pela construção do projeto energético popular**. São Paulo, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Os Conflitos Urbanos no Recife: O Caso do "Skylab"**. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p. 9-59. Coimbra: CES, 1983.

SOUSA, Francisco Marcos Xavier de. **Assentamento Boa Esperança, O MAB e a barragem do Figueiredo, Iracema-CE**: territórios, lutas, conflitos e sobrevivência. 2013. 118 f. Dissertação (Mestrado em geografia)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2013.

STÉDILE, João Pedro. "Reforma Agrária". In: CALDART, Roseli Salete. PEREIRA, Isabel Brasil. ALENTEJANO, Paulo. FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. (orgs.) p. 657 – 666. Rio de Janeiro: Editora Expressão Popular, 2014.

Recebido em: 02/04/2024

Aceito em: 21/10/2024